OS MORTOS DO INSTITUTO

(Pompeu Sobrinho e Dolor Barreira)

Henrique Gonzalez

Creio que não existe restrição no Tempo para comemorar os nossos mortos; louvar-lhes as qualidades, lembrar o perfil moral de cada um, sobretudo aquêles que deixaram em tôrno de nós uma recordação que dificilmente se apaga da nossa memória.

Êles viverão conosco muito tempo, e mesmo que desapareçam da retina do nosso espírito, amiúde estarão junto de nós, porque em cada ato da sua vida há sempre um momento de nobreza que os dignifica.

Pompeu Sobrinho é uma figura que enaltece uma geração, não só por ter sido um dos maiores orientadores na sua especialidade como também porque seus gestos, suas atitudes, eram de um homem superior.

O outro, o nosso querido amigo Dolor Barreira, foi também uma personificação da bondade, do saber, da virtude, embora fôsse um emotivo até a medula, dêsses corações voltados para o bem alheio, dêsses homens que não puderam compreender as finalidades da natureza implacável e vivem num mundo de idéias.

Mestre do Direito, fonte do Bem comum, como seria difícil a essa criatura tão sensível julgar? Porque a Lei é duríssima e muitas vêzes o réu transgride-a sem saber, sem compreender que a transgrediu. Aí é que a sensibilidade aniquila o juiz, torturando-o.

É por essa razão que os transgressores iam em busca de Clóvis, porque Clóvis Beviláqua tinha razões sentimentais para amar a espécie humana.

Êsses mortos ilustres, que deram a vida pela sua terra, que nela se integraram como partículas irremovíveis, tudo por ela fizeram,

todo seu trabalho foi uma oferenda ao Ceará, e se mais não criaram, é porque suas fôrças não foram suficientes para realização do seu idealismo.

Pompeu Sobrinho trazia do berço um compromisso com a Geografia, geografia que se distendeu na Ecologia, que ampliou-se na Antropologia, deu-lhe renome como Mestre, deu-lhe autoridade como professor. Confinou-se, é verdade, dentro do pequeno círculo que era o seu grande círculo, mas, apesar disso, seus trabalhos mereceram em tôda parte o mais franco acolhimento.

Êle havia saído daquela Escola humilde porém notável, daquela Escola de Ouro Prêto. Escola que é a realização de um sonho daqueles que morreram pela nossa liberdade, e são muitos os que dali saíram e quase todos apesar da extrema modéstia de cada um, brilharam na vida pública brasileira. Aquilo é uma cópia de uma escola francesa que Gorceix transportou para nossa Pátria.

Quando estivemos em Ouro Prêto, ainda revivia o espírito acadêmico das épocas longínquas, aquela solidariedade que irmanava os estudantes em repúblicas, com seu presidente, com seu prefeito, com sua verve, e vinculado a tudo isso um profundo sentimento de pátria, não pátria no sentido político, porém de terra onde a gente nasce, vive e morre.

E ambos, tanto Pompeu Sobrinho como Dolor Barreira, amavam a terra que serviu de túmulo e berço.

Pompeu Sobrinho, como continuador da obra benemérita do Barão de Studart, procurou as raízes do Ceará para mostrar de onde veio êsse povo extraordinário, realizador, fecundo, que nunca desanimou diante dos mais tristes flagelos, que é modêlo de atividade e de progresso, não obstante a luta contra o infortúnio.

E não trabalhou com exagêro como faz o ciclotímico, exaltado. Foi silencioso, quieto, dócil. Muitas vêzes, ao vê-lo na rua, eu tinha a impressão de um monge, de um homem que carregasse nas suas costas todo sofrimento da terra comburida.

Dolor também, apesar do seu entusiasmo como criatura que vibrava, daquele complemento objetivo do intelectual dado às letras, era simples, por vêzes rigoroso, mas seu rigor não era explosão de vaidade, de saber, era a necessidade de aperfeiçoar-se, de compreender-se e de compreender, pois cultivava a língua e a literatura com entusiasmo delicioso, sobretudo a literatura do Ceará, onde a gente descobre, através das suas antigas academias, um fundo de cultura clássica, de cópia de antigos costumes florentinos, como por exemplo a Padaria Espiritual.

Dolor nunca pretendeu ser um José Veríssimo. Êle fêz todo seu trabalho com intuito de exaltar, de mostrar os grandes homens, os grandes poetas e escritores que o Ceará teve, muito particularmente personalidades como José Albano, que merece um estudo à parte na literatura brasileira.

Se São Paulo teve, como o Recife, seu período áureo assinalado pelas suas duas Faculdades, movimento intenso que ainda é pouco conhecido, porque as obras que nos falam dêsse tempo são raras, já desaparecidas, o Ceará foi rico em literatura, literatura maciça que pode, seleccionada, figurar entre os exemplares mais belos do mosaico intelectual brasileiro.

Por isso Dolor, com aquêle seu invulgar entusiasmo, com aquela sua memória prodigiosa, reconstituiu a História da Literatura do Ceará, que pela brevidade das horas, como monografia, de uma série publicada exclusivamente sôbre o Ceará, não teve tempo de dar-lhe a demão; mesmo porque seu intuito não foi o de fazer obra literária, mas enriquecer a bibliografia brasileira com o levantamento de gerações desaparecidas, que brilharam, que não tiveram difusão publicitária dos nossos dias para dar-se a idéia do que foi o cultivo entre nós do belo, da palavra, do som, da harmonia, um entusiasmo tão evidente que Eugênia Câmara, a musa de Castro Alves, editou seu livro de versos em Icó, como nos cita o Barão de Studart nas suas efemérides.

Teve o Ceará um grande músico que se chamou Alberto Nepomuceno, nascido em Fortaleza em 1864. Nepomuceno era conhecido na Itália, na Alemanha, na França, na Suécia, na Noruega e nos Estados Unidos, deixando inéditas algumas músicas, especialmente sôbre o Ceará, como Parangaba, episódio lírico com Alberto, de Antônio Salesio Garatuja, comédia lírica em 3 atos, do livro de José de Alencar, o que comprova o espírito do cearense como cultor das artes, sobremodo com um amor extremado, apesar das vicissitudes do Inverno e do Verão.